



PUC SP – IDENTIDADE CATÓLICA DA UNIVERSIDADE

(PUC SP – University's Catholic Identity)

José Ulisses Leva

Doutor em História Eclesiástica pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma

Professor na PUC/SP

E-mail: juleva@pucsp.br

RESUMO

A PUC de São Paulo é uma universidade da Igreja e mantém a identidade católica. No âmbito acadêmico, a universidade preserva sua identidade, assegura sua autonomia em função do bem da Igreja e sustenta um diálogo com a sociedade. Os valores evangélicos devem ser preservados para uma eficiente e madura reflexão científica. Este artigo indica a Constituição Apostólica do sumo pontífice São João Paulo II sobre as Universidades Católicas e apresenta a Instrução sobre a Vocação Eclesial do Teólogo, da Congregação para a Doutrina da Fé. De fato, qual é a contribuição da universidade católica para a sociedade? Qual a relação entre revelação e razão como autêntica e amadurecida reflexão científica na PUC de SP? Como compreender identidade católica e autonomia universitária?

Palavras-chave: PUC; Identidade Católica; Autonomia Universitária.

ABSTRACT

The PUC in São Paulo is a college of the Church and keeps the catholic identity. In the academic range, the university preserves its identity, ensures its autonomy in relation to the good of the Church and maintains a dialogue with society. Gospel values should be preserved for an efficient and mature scientific reflection. This article indicates the Apostolic Constitution of the Supreme Pontiff John Paul II, about the catholic universities, and presents the instruction on the Ecclesial Vocation of the theologian of the Congregation for the Doctrine of the Faith. In fact, what is the contribution of the catholic university to society? What is the relationship between Revelation and Reason as an authentic and mature scientific reflection in PUC SP? How to understand catholic identity and university's autonomy?

Keywords: PUC; Catholic Identity; University Autonomy.

INTRODUÇÃO

A PUC de São Paulo é uma universidade da Igreja e mantém a identidade católica. No âmbito acadêmico, a universidade preserva sua identidade e assegura sua autonomia em função do bem da Igreja, em relação direta com a sociedade. Os valores evangélicos devem ser preservados para uma eficiente e madura reflexão científica. Este artigo indica a Constituição Apostólica do sumo pontífice São João Paulo II sobre as Universidades Católicas. Apresenta também a Instrução sobre a Vocação Eclesial do Teólogo, da Congregação para a Doutrina da Fé. Qual é a vocação do docente na PUC que é também católica? De fato, qual a contribuição da universidade católica na sociedade? Qual a relação entre revelação e razão como autêntica



e amadurecida reflexão científica na PUC de SP? Como compreender identidade católica e autonomia universitária?

O nosso tempo exige maturação contínua. Vivemos uma enormidade de informações que nos são indicadas todos os dias. Muitas entram nos nossos ouvidos e não temos tempo suficiente para selecioná-las ou maturá-las. Diante de tantas propostas, como compreender os autênticos valores? Qual é o papel da universidade? Qual é o papel da universidade católica? Como entender a PUC no coração da Igreja, sua presença e seu papel no mundo, como universidade católica?

A PUC de São Paulo, ao assumir sua identidade católica, perde espaço no campo universitário? Diminui sua abrangência e presença transformadora na sociedade? É possível sustentar a identidade católica na universidade e continuar a manter o diálogo entre os saberes, respeitando competências e habilidades?

Este artigo apresenta documentos da Igreja e propõe as orientações dos papas em relação à universidade católica e ao ensino da Teologia. Averigua a compreensão que a Igreja faz de si mesma e o papel que a universidade católica deve desempenhar na sociedade.

Lembrando a proximidade dos 70 anos da PUC de São Paulo, este artigo vislumbra o querer da Igreja presente no mundo e sua eficiente e pronta ação dialogante com a sociedade contemporânea, como marcou os 50 anos do Concílio Ecumênico Vaticano II.

1. GRAVISSIMUM EDUCATIONIS

Celebramos os 50 anos da Declaração *Gravissimum Educationis* promulgada no Concílio Ecumênico Vaticano II. Notamos a importância dada pela Igreja às escolas e às universidades católicas. Momento excepcionalmente forte e vibrante para com a educação para que esteja sempre a serviço da Igreja e da sociedade.

A Igreja definiu alguns parâmetros para as universidades católicas. Os padres conciliares propuseram para essas instituições carinho e empenho, servindo-se da fé e da razão para o autêntico conhecimento da verdade, acerca de Deus e do homem.

A Igreja cerca da mesma forma com interesse e carinho as escolas de grau superior, sobretudo as Universidades e Faculdades. Mais ainda. No que dela depende, esforça-se por que, por uma organização metódica, as disciplinas todas sejam cultivadas com princípios próprios, com métodos próprios e com liberdade própria de pesquisa científica, de forma que se atinja uma sempre mais profunda compreensão delas. De maneira muito conscienciosa, levem-se em conta novos problemas e pesquisas do progresso atual, para chegar-se a perceber-se com mais profundidade como a fé e a razão colaboram para uma só verdade. Sigam as pegadas dos Doutores da Igreja, principalmente Santo Tomás de Aquino. Assim se realiza uma como que pública, estável e universal presença da mentalidade cristã de todo o esforço de promover cultura mais profunda. Os alunos desses institutos se formem de fato como homens de grande



saber, preparados para enfrentarem tarefas de maior responsabilidade na sociedade e para serem também testemunhas da fé.¹

Atenta às exigências do Vaticano II, a Arquidiocese de São Paulo coloca-se à escuta das resoluções emanadas pelo Concílio Ecumênico, sobretudo em relação à educação. Oferece, desde 1949, a Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção e, em 2009, inserida na PUC, busca o melhor na preparação dos novos teólogos, para que mantenha sempre o diálogo.

Nas Universidades Católicas em que não existir nenhuma Faculdade da S. Teologia haja um Instituto ou Cátedra da S. Teologia, na qual também se ofereçam prelações adequadas aos alunos leigos. Uma vez que as ciências progredem, sobretudo, por investigações especiais de mais alta importância científica, fomentem-se no máximo nas Universidades e Faculdades católicas os institutos que se destinam primariamente a promover a investigação científica.²

Inserida na PUC de São Paulo, a Teologia congrega atualmente alunos do Brasil e de outros países, sobretudo da Europa, América Latina e África. Vivamente a Faculdade de Teologia busca responder os anseios da Igreja e da sociedade hodierna.

O Santo Sínodo recomenda muito que se desenvolvam as Universidades e Faculdades católicas judiciosamente distribuídas nos diversos territórios, todavia de tal forma, que se projetem não pelo número, mas pela promoção da ciência. Facilite-se nelas o ingresso a alunos que deem maior esperança, mesmo que tenham menor fortuna, sobretudo, aos que vem de nações novas.³

Tanto na Teologia quanto nos campi da Universidade, os alunos são formados, também, no saber teológico. Por meio da Introdução ao Pensamento Teológico, são oferecidos aos alunos oportunidades à carreira do magistério, incentivo às pesquisas e elaboração de artigos para as revistas e ulterior formação acadêmica.

Uma vez que o destino da sociedade e da própria Igreja se vê intimamente ligados ao aproveitamento que os jovens tiram de seus estudos superiores, os pastores da Igreja não apenas tomem a peito o cuidado da vida espiritual dos alunos que frequentam universidades católicas; mas preocupados com a formação de todos os seus filhos – depois de consulta oportuna entre os Bispos – tomem medidas que se criem também, junto às Universidades não católicas, pensões e centros universitários católicos, nos quais sacerdotes, religiosos e leigos, escolhidos a dedo e bem preparados, prestem à juventude universitária um auxílio espiritual e intelectual permanente. Jovens de maior talento, tanto das Universidades católicas quanto das outras, que revelem aptidões para o ensino e a pesquisa, sejam preparados com peculiar cuidado e promovidos à carreira do magistério.⁴

2. EX CORDE ECCLESIA

Recentemente celebramos os 25 anos da Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesia* do Papa São João Paulo II. Qual a identidade da universidade católica para o século XXI? São

¹ Gravissimum Educationis, n 10.

² Gravissimum Educationis, n 10.

³ Gravissimum Educationis, n 10.

⁴ Gravissimum Educationis, n 10.



necessários três pilares: Evangelho, autoridade e liberdade. Desde o tempo do Concílio Ecumênico Vaticano II, o contexto histórico-social mudou. O coração da educação católica é sempre a pessoa de Jesus Cristo. Há forte impulso à secularização, fundamentalismo e relativismo. A Constituição privilegia a verdade sobre a natureza, o homem e Deus. Compreende as implicações éticas e morais. Dialoga com os vários saberes. Na pluralidade, compreender ciência e ética; ciência e transcendência não se excluem reciprocamente. Existe muito de multiculturalismo e multirreligiosidade. A esses fenômenos não deve haver a indiferença ou manutenção de valores genéricos. Deve haver verdadeiro diálogo entre a fé e a cultura e ao diálogo inter-religioso. “Corpo docente homogêneo, disponível para aceitar e partilhar uma definida identidade evangélica e um coerente estilo de vida.”⁵

A universidade católica deve estar inserida no mundo e proclamar sempre a verdade. Diante dos desafios impostos não deve ter medo de enfrentá-los. Deve ter a coragem, também, de manter o discurso coerente à luz do Evangelho de Cristo Jesus. Quando for necessário, a universidade católica deverá ter a coragem de proclamar verdades incômodas, verdades que não lisonjeiam a opinião pública, mas que, no entanto, são necessárias para salvaguardar o autêntico bem da sociedade.⁶

Entende-se por *universidade* todos os que nela estão exercendo um papel específico a serviço do bem. Aos professores, sobretudo com o dever da transmissão do saber de forma integral e íntegra, não deve haver parcialidade no conhecimento e nem mesmo imparcialidade no agir.

Os professores das universidades católicas são chamados a oferecer uma original contribuição para a superação da fragmentação dos saberes disciplinares, favorecendo o diálogo entre os vários pontos de vista especializados, buscando uma recomposição unitária do saber, sempre aproximativa em desenvolvimento, mas orientada pela consciência do sentido das coisas. A Teologia oferece uma contribuição essencial para este diálogo.⁷

A investigação científica é parte integrante no campo do saber. A Constituição Apostólica insere a universidade no mundo e chama à responsabilidade o educador a ser autêntico e comprometido com o que ensina.

Por sua natureza, a universidade promove a cultura, mediante sua atividade de investigação, ajuda a transmitir a cultura local às gerações sucessivas, mediante seu ensino, favorece as iniciativas culturais, com os próprios serviços educativos. Ela está aberta à experiência humana, disposta ao diálogo e à aprendizagem de qualquer cultura. A universidade católica participa deste processo, oferecendo a rica experiência cultural da Igreja. Além disso, consciente de que a cultura humana está aberta a Revelação e à transcendência, a universidade católica é lugar primeiro e privilegiado para um frutuoso diálogo entre Evangelho e cultura.⁸

⁵ Instrumentum Laboris, p 17.

⁶ Universidades Católicas, n 32.

⁷ Instrumentum Laboris, p 21-22.

⁸ Universidades Católicas, n 43.



3. CARDEAL ZENON GROCHOLEWSKI

O Cardeal Zenon Grocholewski esteve no Campus Ipiranga da PUC SP no dia 08 de maio de 2015. Como responsável pela Educação, falou abertamente da presença das universidades católicas no mundo. Mostrou a riqueza quando da presença viva e transformadora das universidades que buscam marcar presença com o saber, o diálogo e a evangelização.

Nossas escolas e universidades são apreciadas em todo o mundo. A principal preocupação das instituições de ensino vinculadas à Igreja deve ser a clareza quanto a sua identidade católica. Não podemos perder nossa identidade. Das 19 universidades pontifícias no mundo, sete estão no Brasil e duas em São Paulo.⁹

Fundamentalmente, a universidade é lugar do conhecimento. Essas instituições são conhecidas e reconhecidas pelo volume de pesquisas apresentadas. Nesse universo do saber, todas tendem a esse objetivo. As universidades católicas também se esforçam para estar no ranking das melhores agremiações acadêmicas e ser reconhecidas nacional e internacionalmente.

A universidade católica busca sua excelência no conhecimento, mas prima pela identidade à qual é chamada. As universidades, sobretudo as católicas, devem ser sal e luz no ambiente acadêmico.

4. IDENTIDADE CATÓLICA E AUTONOMIA UNIVERSITÁRIA

Como debruçar-se, enfim, ao tema tão recorrente entre universidade e autonomia? O Concílio Ecumênico Vaticano II respondeu a esse questionamento quando nos presenteou com a Constituição Dogmática *Gaudium et Spes*. Quando se trata de universidade e, sendo ela católica, a investigação científica e o saber giram em torno dos valores do Evangelho. Busca-se parceria científica entre Revelação e conhecimento humano. Como, enfim, reconhecer legítima a autonomia que a cultura reclama para si, sem cair em um humanismo meramente terrestre e mesmo adversário da própria religião?¹⁰

Não há disparidade entre o pensamento cristão e as ciências. Há, verdadeiramente, complementariedade entre saberes. Nenhum saber deve ficar anulado. Um e outro são verdadeiros. As ciências buscam exatidão que leve o homem ao inteiro conhecimento de si e para si reservam todas as suas descobertas. A inteligência humana quer compreender-se a si mesma, não se esquivando da Revelação. Tarefas diferentes que competem saberes diferentes, mas que concordam entre si. Absurdo, em pleno século XXI, ver Ciências e o pensamento cristão caminharem separados. Estranho, também, nesse mesmo século um e outro não se respeitarem em suas bases epistemológicas.

Um campo que interessa, de modo especial, à universidade católica, é o diálogo entre pensamento cristão e ciências modernas. Essa tarefa exige pessoas

⁹ Jornal O São Paulo, p 14.

¹⁰ G S, n 56.



particularmente preparadas em cada disciplina, dotadas também de uma adequada formação teológica e capazes de enfrentar as questões epistemológicas, em nível das relações entre fé e razão. Tal diálogo refere-se tanto às ciências naturais como às ciências humanas, as quais apresentam novos e complexos problemas filosóficos e éticos. O investigador cristão deve mostrar como a inteligência humana se enriquece da verdade superior, que deriva do Evangelho: ‘A inteligência não fica diminuída, pelo contrário, é estimulada e robustecida pela fonte interior de profunda compreensão – a Palavra de Deus – e pela hierarquia de valores que dela provém... De um modo único, a universidade católica contribui para manifestar a superioridade do espírito, que nunca pode, sem correr o risco de perder-se, consentir em colocar-se a serviço de qualquer outra coisa que não seja a busca da verdade.’¹¹

Podemos pensar e analisar a autonomia universitária sob ângulos os mais diversos possíveis. Quanto às universidades federais e estaduais, com suas normas e princípios, são, assim, possibilitadas conquistas acerca dessa chamada autonomia.

A autonomia universitária foi uma conquista. Entre 1986 e 1989, vivemos um difícil processo de negociações, ao final do qual se chegou à fórmula de financiamento que perdura até hoje. Segurança no fluxo de recursos, acréscimo na capacidade de planejamento, política salarial autônoma, entre outras coisas, fizeram com que o complexo universitário paulista se tornasse um exemplo de política bem-sucedida. São do domínio público os resultados positivos em termos de produção científica e qualidade de ensino. Além da cooperação com a sociedade e com as demandas econômicas do Estado e do País.¹²

Nas universidades católicas, a especulação e a investigação estão centradas sob a luz da Palavra Revelada. Cada professor busca cercar-se de novas descobertas, tendo como referência a identidade católica da universidade. Tudo deve culminar e nada deve se afastar dos dados da Revelação.

Encontramos na Constituição Apostólica ‘*Sobre a Vocação Eclesial do Teólogo*’, de São João Paulo II, n. 6-12, a vocação do teólogo:

Entre as vocações suscitadas na Igreja pelo Espírito, distingue-se a do teólogo, que em modo particular tem a função de adquirir, em comunhão com o Magistério, uma compreensão sempre mais profunda da Palavra de Deus contida na Escritura inspirada e transmitida pela Tradição viva da Igreja.¹³

Qual é a episteme da Ciência Teológica?

Por sua natureza, a fé se apela à inteligência, porque desvela ao homem a verdade sobre o seu destino e o caminho para alcançá-lo. Mesmo sendo a verdade revelada superior a todo o nosso falar, e sendo os nossos conceitos imperfeitos frente à sua grandeza, em última análise insondável (cf. Ef 3, 19), ela convida, porém, a razão – dom de Deus feito para colher a verdade – a entrar na sua luz, tornando-se assim capaz de compreender, em certa medida, aquilo em que crê. A ciência teológica, que respondendo ao convite da verdade, busca a inteligência da fé, auxilia o povo de

¹¹ Universidades Católicas, n 46.

¹² Jornal o Estado de São Paulo.

¹³ Instrução sobre a vocação do teólogo, n 6.



deus, de acordo com o mandamento do apóstolo (cf. 1 Pd 3, 15), a dar razão da própria a esperança, àqueles que a pedem.¹⁴

Qual é o objeto da Teologia?

Visto que o objeto da teologia é a Verdade, o Deus vivo e o seu desígnio de salvação revelado em Jesus Cristo, o teólogo é chamado a intensificar a sua vida de fé e a unir sempre pesquisa científica e oração. Será assim mais aberto ao 'senso sobrenatural da fé' do qual depende e que se lhe apresentará como uma segura norma para guiar a sua reflexão e verificar a exatidão das suas conclusões.¹⁵

Qual é a motivação fundante do teólogo?

No decorrer dos séculos, a teologia constitui-se progressivamente em verdadeiro e próprio saber científico. É, portanto, necessário que o teólogo esteja atento às exigências epistemológicas da sua disciplina, às exigências do rigor crítico, conseqüentemente, à verificação racional de todas as etapas da sua pesquisa. Mas a exigência crítica não se identifica com o espírito crítico, que nasce, pelo contrário, de motivações de caráter afetivo ou de preconceito. O teólogo deve discernir em si mesmo a origem e as motivações de sua atitude crítica e permitir que o seu olhar seja purificado pela fé. O empenho teológico exige um esforço espiritual de retidão e de santificação.¹⁶

O que deve ensinar o teólogo? O teólogo, não esquecendo jamais que também ele é membro do povo de Deus, deve nutrir-lhe respeito, e esforçar-se por dispensar-lhe um ensinamento que não venha a lesar, de modo algum, a doutrina da fé.¹⁷

Como maturar a liberdade investigativa e o ensinamento teológico?

A liberdade própria da pesquisa teológica é exercitada no interior da fé da Igreja. A ousadia, portanto, que com frequência se impõe à consciência do teólogo, não pode dar frutos e edificar, se não é acompanhada pela paciência da maturação. As novas propostas avançadas pela compreensão da fé não são senão oferta feita a toda a Igreja. São necessárias muitas correções e alargamentos de perspectivas, em um diálogo fraterno, antes que chegue o momento em que toda a Igreja possa aceitá-las. Por conseguinte, a teologia, como serviço muito desinteressado à comunidade dos fiéis, comporta essencialmente um debate objetivo, um diálogo fraterno, uma abertura e uma disponibilidade para modificar as próprias opiniões.¹⁸

Como investigar sem perder o eixo da Verdade Revelada?

A liberdade de investigação, que é justamente estimulada pela comunidade dos homens da ciência como um dos seus bens mais preciosos, significa disponibilidade para acolher a verdade tal como ela se apresenta ao fim de uma investigação, na qual não tenha interferido qualquer elemento estranho às exigências de um método que corresponda ao objeto estudado.¹⁹

¹⁴ Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo, n 6.

¹⁵ Instrução, n 8.

¹⁶ Instrução, n 9.

¹⁷ Instrução, n 11.

¹⁸ Instrução, n 11.

¹⁹ Instrução, n 12.



Magistério da Igreja e magistério do teólogo devem estar em consonância.

Na teologia, esta liberdade de investigação inscreve-se no interior de um saber racional cujo objeto é dado pela Revelação, transmitida e interpretada na Igreja sob a autoridade do Magistério, e acolhida pela fé. Descurar estes dados que têm valor de princípio seria equivalente a deixar de fazer teologia. Para bem precisar as modalidades desta relação com o Magistério, torna-se agora oportuno refletir o papel deste último na Igreja.²⁰

Os Documentos Pontifícios nos ajudam a entender o papel dos professores que lecionam e pesquisam nas universidades católicas. Orientações que os teólogos devem conhecer desde o momento primeiro que estudam e se preparam para exercício no magistério.

Nos modos conformes às diversas disciplinas acadêmicas, todos os professores católicos devem receber fielmente, e todos os outros professores devem respeitar, a doutrina e a moral católica, na investigação e no ensino. De modo particular, os teólogos católicos, conscientes de cumprir um mandato recebido na Igreja, sejam fiéis ao Magistério da Igreja, que é o intérprete autêntico da Sagrada Escritura e da sagrada Tradição.²¹

Os teólogos devem se acercar da devida maturação das pesquisas teológicas, com paciência e prudência, exercendo suas pesquisas e assegurando a fé na Igreja edificada por Cristo Jesus. A liberdade própria da pesquisa teológica é exercida no interior da fé da Igreja. A ousadia, portanto, que com frequência se impõe à consciência do teólogo, não pode dar frutos e edificar, se não acompanhada pela paciência da maturação.²²

5. PRESENÇA DA PUC EM SÃO PAULO RUMO AOS 70 ANOS

A PUC de São Paulo é regida pelas normas da Constituição Apostólica *Ex Corde Ecclesia* sobre as universidades católicas. No Documento Pontifício encontramos artigos e parágrafos que dizem respeito à vida da universidade pontifícia e católica. Na II Parte encontramos o Artigo 2º e seus cinco parágrafos:

Artigo 2. A natureza de uma universidade católica.

§ 1. Uma universidade católica, como qualquer universidade, é uma comunidade de estudiosos, que representa vários campos do saber humano. Dedicar-se à investigação, ao ensino e às várias formas de serviço, correspondentes a sua missão cultural.

§ 2. Uma universidade católica, enquanto católica, inspira e realiza sua investigação, o ensino e todas as outras atividades, segundo os ideais, os princípios e os comportamentos católicos. Ela está ligada à Igreja, ou mediante vínculo formal segundo a sua constituição e estatutos, ou em virtude de um compromisso institucional assumido pelos seus responsáveis.

§ 3. Toda universidade católica deve manifestar sua identidade católica, mediante uma declaração acerca de sua missão ou com outro documento público apropriado, a

²⁰ Instrução, n 12.

²¹ Universidades Católicas, II Parte, art. 4, § 3.

²² Instrução, n 11.



não ser que a autoridade eclesiástica competente autorize que seja de outra forma. Deve possuir, particularmente no que se refere à sua estrutura e aos seus regulamentos, meios para garantir a expressão e a conservação de tal identidade, de acordo com o § 2.

§ 4. O ensino católico e a disciplina católica devem fluir em todas as atividades da universidade, respeitando plenamente a liberdade de consciência de cada pessoa. Cada ato oficial da universidade deve estar de acordo com sua identidade católica.

§ 5. Uma universidade católica possui a autonomia necessária para realizar sua identidade específica e cumprir sua missão. A liberdade de investigação e de ensino é reconhecida e respeitada, segundo os princípios e os métodos próprios de cada disciplina, sempre que sejam salvaguardados os direitos dos indivíduos e da comunidade, e dentro das exigências da verdade e do bem comum.²³

Encontramos, também, na II Parte, o Artigo 5º e seus três parágrafos:

Artigo 5. A universidade católica na Igreja.

§ 1. Cada universidade católica deve manter a comunhão com a Igreja universal e com a Santa Sé; deve estar em estreita comunhão com a Igreja particular e, especialmente com os bispos diocesanos da região ou das nações em que está situada. De acordo com sua natureza de universidade, a universidade católica contribuirá para a evangelização da Igreja.

§ 2. Cada bispo tem a responsabilidade de promover o bom andamento das universidades católicas em sua diocese e tem o direito e o dever de vigiar sobre a preservação e o incremento do seu caráter católico. No caso de surgirem problemas a respeito de tal requisito essencial, o bispo local tomará as iniciativas necessárias para resolvê-los, de acordo com as autoridades acadêmicas competentes e de acordo com os processos estabelecidos, e também, se necessário, com a ajuda da Santa Sé.

§ 3. Todas as universidades católicas de que se trata no art. 3 §§ 1 e 2, devem enviar, periodicamente, à autoridade eclesiástica competente, um relatório específico sobre a universidade e suas atividades. As outras universidades católicas devem comunicar tais informações ao bispo da diocese, na qual está situada a sede central da instituição.²⁴

A PUC SP é uma universidade que fundamenta o saber e, ainda mais, é acolhedora, humanista e cria vínculos. Proclamar sem medo a verdade em Deus, mantendo o diálogo. “Quando vier o Espírito da verdade, ele vos ensinará toda a verdade, diz o Senhor, aleluia” (Jo 16, 13).

CONCLUSÃO

Verdade divina e investigação científica caminham juntas. A vocação do teólogo, com o testemunho de vida e o rigor científico acerca de Deus, sistematicamente, deve iluminar a Igreja e a sociedade.

Toda universidade católica, como universidade, é uma comunidade acadêmica que, de modo rigoroso e crítico, contribui para a defesa e o desenvolvimento da dignidade humana, como

²³ Universidades Católicas, pp 40-42.

²⁴ Universidades Católicas, pp 45-46.



também para a herança cultural, mediante a investigação, o ensino e os diversos serviços prestados às comunidades locais, nacionais e internacionais.²⁵ Ao promover essa integração, a universidade católica deve empenhar-se, mais especificamente, no diálogo entre fé e razão, de modo a poder-se ver mais profundamente, como fé e razão encontram-se na única verdade.²⁶

Este artigo apresentou a Igreja e sua posição sistemática e doutrinal. Elucidou sua objetiva posição em relação à universidade, sobretudo o papel que as católicas exercem na sociedade contemporânea e o chamado aos teólogos na contribuição eficaz e pertinente de sua missão canônica de ensinar a reta doutrina.

Nosso tempo exige da Igreja a maturidade e eficiência para, conhecendo a si mesma, exercer o papel de colaborar na construção da sociedade, permeando os valores eternos do Evangelho de Cristo Jesus.

O pontificado de Francisco nos alerta quanto ao discernimento, para agir como *Igreja em saída* e para dialogar, constantemente, sob a luz das misericórdias de Deus. A universidade, mantendo sua identidade católica, e conversando com os homens e mulheres do nosso tempo, em muito contribui para o bem de toda a sociedade.

BIBLIOGRAFIA

- Compêndio do Vaticano II. Constituições, Decretos e Declarações. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 1986.
- Congregação para a Doutrina da Fé. Instrução sobre a vocação eclesial do teólogo. 5. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- Congregação para a Educação Católica. Educar hoje e amanhã. Uma paixão que se renova. Instrumentum labores. Cidade do Vaticano, 07 de abril de 2014.
- DI GIOVANNI, G. NOGUEIRA, M. A. Autonomia universitária, responsabilidade e ação. O Estado de São Paulo, São Paulo, A2, Espaço Aberto, 23 de maio de 2015.
- LEVA, J.U. A Universidade e o mundo contemporâneo. O Magistério e o mundo contemporâneo. Revista de Cultura Teológica. Ano XXII, nº 83, p. 215-226, jan/jun, 2014.
- LEVA, J.U. A Teologia na Universidade: Saber e Presença em Diálogo. REVELETEO, vol 9, n 15, p. 92-106, jan/jun, 2015.
- Papa São João Paulo II. Constituição Apostólica do Sumo Pontífice João Paulo II. Universidades Católicas. 4ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004.
- Semanário da Arquidiocese de São Paulo. "O São Paulo". Ano 60, edição 3051, 13 a 19 de maio de 2015, p. 14.

²⁵ Universidades Católicas, n 12.

²⁶ Universidades Católicas, n 17.